

FRATERNIDADE E AMIZADE SOCIAL

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2024

Tema: Fraternidade e Amizade Social

Lema: *Vós sois todos irmãos e irmãs* (cf. Mt 23,8)

A partir da Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, do Papa Francisco, de 2020, a Campanha da Fraternidade propõe o tema da *amizade social*, à luz da Palavra de Deus: *Vós sois todos irmãos e irmãs*. O Objetivo Geral é de *despertar para o valor e a beleza da fraternidade humana, promovendo e fortalecendo os vínculos da amizade social, para que, em Jesus Cristo, a paz seja realidade entre todas as pessoas e povos*.

Os objetivos Específicos são: *analisar as diversas formas da mentalidade de indiferença, divisão e confronto e suas consequências; compreender as principais causas da atual mentalidade de oposição e conflito; identificar iniciativas de comunhão e reconciliação, capazes de estimular a cultura do encontro; redescobrir, a partir da Palavra de Deus, a fraternidade, a amizade social e a comunhão como elementos constitutivos de todo ser humano; acolher o magistério da Igreja sobre a fraternidade universal; aprofundar a compreensão da comunhão e da fraternidade como caminho para a realização pessoal e para a paz; conscientizar sobre a necessidade de construir a unidade em meio à pluralidade, superando divisões e polarizações; estimular a espiritualidade, os processos e as estruturas de comunhão na Igreja e na sociedade; incentivar e promover iniciativas de reconciliação*.

Fraternidade e Amizade Social

A amizade é um dom de Deus e um fenômeno humano universal. Desde os clássicos gregos, a amizade é modelo das relações pessoais e sociais; para Sto. Tomás de Aquino é uma virtude política necessária para o bem viver na sociedade. Os filósofos modernos abandonaram o tema da amizade e tentaram lançar outros fundamentos para a vida em sociedade, como o medo recíproco. O Papa Francisco, na Encíclica *Fratelli Tutti*, propõe um projeto de fraternidade alicerçado na amizade social e no amor político. *Amizade social é o amor estendido a todos, rompendo muros e criando pontes, superando imposições e indo além dos interesses individuais, para construir uma comunidade onde todos se acolhem e valorizam a vida e seu desenvolvimento integral*.

1. VER: Onde está o teu irmão? (Gn 4,9)

Somos todos irmãos: a pergunta de Deus a Caim recorda que somos irmãos, possuidores da mesma dignidade, com a mesma natureza e origem, mesma vocação e destino: viemos da Trindade e para ela voltaremos. As diferenças e divergências não podem impedir de viver o mandamento do amor. A subjetividade é um valor, as diferenças não são um problema e a solução não é a homogeneidade de pensamento. A partir da doutrina da *imago Dei*, deve-se eliminar toda forma social ou cultural de discriminação, para acolher, conhecer e apreciar o outro como irmão.

Sinais de divisões e inimizades, sombras de um mundo fechado: há muitas situações de desrespeito à vida e à dignidade humana; impera a intolerância e o desejo de eliminar o diferente, seja de forma real ou virtual (cultura do cancelamento). Famílias e comunidades vivem divisões e afastamentos. A rejeição ao diferente ocorre por questões de raça, de política, de sexualidade e até religiosas, gerando grupos fechados, o que legitima o egoísmo social e a autoproteção dos interesses. Há a exploração do outro como mercadoria e a rejeição gratuita que gera o ódio. Diante da insegurança, a cultura das armas é uma falsa solução, e é preciso anunciar o Evangelho da paz.

Marcas da nossa sociedade: uma sociedade *dividida*, que elimina o diferente; *absolutamente desigual*, num sistema econômico que sobrevive à custa de sacrifícios humanos; *excludente* dos considerados improdutivos. A obsessão pelo próprio bem-estar prevalece sobre a felicidade da humanidade partilhada.

A crise do pertencimento e a questão das identidades: os processos de interação foram impactados com o advento das tecnologias midiáticas. Vivemos uma crise da identidade, que deixou de ser algo seguro e permanente, sendo substituída pela *performance*, maleável e dinâmica; e também uma crise de pertencimento, pois o individual prevalece sobre o comunitário (família, escola, religião, organizações sociais), gerando o *identitarismo*, um sectarismo que exclui e impede o diálogo.

A síndrome de Caim é a realidade de ódio ao próximo, que Papa Francisco chamou de “terceira guerra mundial em pedaços”, onde a individualização gera o desrespeito à vida, numa “globalização da indiferença”; não nos sentimos responsáveis pelos outros, a diferença torna-se ameaça e o adversário vira inimigo; a atitude inicial é de afastamento, chegando ao combate e a destruição. A ausência de paz é sinal de que foi rompida a unidade da humanidade com Deus. Mais do que falar de Deus e usar Seu nome em vão, é preciso conhecer Seu rosto revelado em Jesus Cristo. Ignorando que individualidade e fraternidade se complementam, muitos assumem a inimizade social como critério determinante. O isolamento deve ser superado pela proximidade e a cultura do confronto pela cultura do encontro.

Causas que geram e alimentam a inimizade: a individualidade desfigurada num indivíduo autossuficiente, com uma subjetividade violenta; o abandono dos ideais, que compromete a coletividade, sendo a aglutinação social feita criando um inimigo comum; a cultura da competição torna normal o desejo de eliminar o outro. **A questão fundamental** é a individualidade tornar-se um *hiper individualismo*, que fecha as pessoas em si mesmas, esquecendo o valor da fraternidade e da amizade e os sofrimentos sociais e ambientais. Vive-se fisicamente próximo, mas existencialmente distante, ignorando que tudo está interligado na Casa Comum.

Um tema transversal e um caminho a seguir: a cisão entre a obsessão pelo próprio bem-estar e a felicidade da humanidade partilhada é fruto da *alterofobia*, ou seja, medo e rejeição a tudo que é outro, que não sou eu mesmo. Precisa revigorar a consciência de que somos uma única família, superando a globalização da indiferença e a cultura dos muros. O remédio para a *alterofobia*, a Síndrome de Caim, é a amizade social.

Sinais que suscitam e sustentam a amizade social: a comunhão, a fraternidade e a amizade social estão inscritos em nossa natureza gerada na Trindade. Há muitos sinais de esperança: as tecnologias de comunicação possibilitam o diálogo e a conexão, o encontro e a solidariedade; a solidariedade do povo brasileiro, que deve ser também a luta contra as causas da desigualdade; a pluralidade, dom do Criador, favorece o caminhar juntos, valorizando as diferenças; os gestos de doação na pandemia, os movimentos sociais, poetas sociais que proclamam a esperança, as associações comunitárias e grupos de entreatajuda; as propostas do Papa Francisco (*Pacto Educativo Global, Economia de Francisco e o processo de escuta Sinodal*); e também a vida e iniciativas das comunidade eclesiais.

2. ILUMINAR: “Vós sois todos irmãos e irmãs” (Mt 23,8)

O cap. 23 do Evangelho de Mateus reúne orientações de Jesus sobre a vida fraterna e críticas aos fariseus pela incoerência entre a fé e a vida, e por transformarem a Lei de Deus em fonte de segregação. Jesus transforma a *lógica da Lei* em *lógica da graça*, e propõe um caminho ético: a fraternidade. Os cristãos devem se configurar a Cristo na vivência da compaixão, serviço, misericórdia, fraternidade, unidos pelos vínculos do amor, reunidos na mesa da Nova Aliança.

Um único Mestre - Jesus: o título de Rabi implicava superioridade; como único Mestre, Jesus propõe que seus discípulos sejam irmãos, na igualdade. **Um único Pai - o do céu:** na comunidade de Mateus, Pai é o nome de Deus, por isso a sacralidade e autoridade que ninguém podia ter; entre os judeus era o título dado aos antepassados, numa estrutura patriarcal. Jesus rompe com essa desigualdade e propõe que Deus seja o único Pai e todos sejam irmãos, sem divisões. **Um único guia - O Espírito que gera a diversidade de carismas e ministérios:** a diversidade de ministérios, dom do Espírito, não implica domínio ou superioridade, pois todo poder deve ser exercido como serviço.

No lugar de Deus ou do irmão? O livro do Gênesis mostra que o mal tem raízes na quebra das relações fraternas: Adão e Eva desejam ocupar o lugar de Deus; Caim mata Abel no coração antes de tirar sua vida, como revela sua resposta a Deus: “Acaso sou o guarda do meu irmão?” (Gn 4,9). A conduta humana implica em colocar-se no lugar do outro e sentir-se responsável por ele; decidir sobre a vida do outro é querer ocupar o lugar de Deus. Por isso, romper as relações fraternas gera a morte do outro e de si mesmo.

“Estou procurando meus irmãos” (Gn 37,16): Na história de José o ciúme rompe a fraternidade. Quando as diferenças são vistas como ameaça, a morte prevalece. Apesar de odiado pelos irmãos, José quer encontrá-los, na reconciliação que salva a família da fome. Em Lc 15, o filho mais velho não aceita que o irmão seja revestido de uma nova dignidade e não entra na festa; o pai reafirma a fraternidade e convida-o a se reconciliar com o irmão. Pelo batismo, fomos revestidos da mesma *túnica da vida em Cristo*, com igual dignidade. As diferenças não indicam precedência, mas a especificidade dos serviços.

“Onde quer que permaneças, permanecerei contigo” (Rt 1,16): A amizade de Rute para com sua sogra Noemi revela a beleza dos vínculos que nascem das escolhas: do amor sobre a indiferença, da reconciliação diante do conflito, do diálogo nas diferenças. Indo além dos vínculos de sangue ou pátria, priorizam a compaixão e a fraternidade e geram a amizade social. A Carta a Filemon registra a amizade de Paulo com Onésimo, nascida na solidariedade, e com Filemon, fruto da fé.

“Vós sois todos irmãos e irmãs” (cf. Mt 23,8): a Lei de Deus recebe sentido pleno em Jesus, no caminho da fraternidade. Ele amplia os laços familiares ao nível da fraternidade universal, tendo como critério fazer a vontade do Pai (Mt 12,49-50), como concretizou em Seu ministério, na acolhida, na misericórdia, na doação da vida.

“Já não vos chamo servos (...). Eu vos chamo amigos” (Jo 15,15): a amizade é a vivência do amor do discípulo que permanece unido a Cristo, como revela o amor-amizade de Jesus com Lázaro, Marta e Maria. Aquele que ama o irmão permanece na luz e quem não ama o irmão que vê, não poderá amar a Deus que não vê (1Jo).

O testemunho dos santos, como São Francisco e Santa Clara, revela que não há santidade no ódio, na indiferença e na exclusão, mas somente na fraternidade e amizade. Também a **Vida Consagrada é um testemunho de fraternidade e amizade social**, com experiências de comunhão e de missão, no serviço a Deus e ao próximo. São João Paulo II propôs a **espiritualidade de comunhão** como princípio educativo, para fazer da Igreja a casa e escola de comunhão, à luz do mistério da Trindade. A **cultura do respeito, do diálogo, da amizade** foi proposta pelo Papa Bento XVI ao destacar o valor da amizade nas redes sociais digitais, como caminho para crescer como ser humano, especialmente os jovens. O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, ensina que **a fraternidade está no coração do Evangelho**, na vida comunitária e no compromisso com os outros, pois, em Cristo, Deus redime cada pessoa e também as relações sociais. Criados à imagem da comunhão trinitária, não nos realizamos sozinhos. No irmão está o prolongamento da Encarnação, pois tudo o que fazemos ao irmão, é a Cristo que o fazemos.

Ouvir o que o Espírito diz às Igreja (cf. Ap. 3,13): a amizade social é o caminho para a Igreja, num processo sinodal, romper a indiferença e o individualismo e superar conflitos intraeclesiais, como o clericalismo.

3. AGIR: “Alarga o espaço da tua tenda” (Is 54,2)

O profeta Isaías anuncia um novo êxodo, convidando a “alargar a tenda”: as lonas estendidas para a convivência, proteção e acolhida; as cordas, mantendo a unidade e o equilíbrio diante das tensões; e nas estacas, a solidez a partir dos fundamentos da fé. Para a Igreja ser uma morada ampla mas não homogênea, aberta a todos e em movimento, acolhendo e dando espaço à diversidade, concretizando a fraternidade e a amizade social, é preciso *alargar a tenda* nos três âmbitos:

Pessoal: resgatar a identidade pessoal; cultivar uma espiritualidade de comunhão; identificar as “nossas guerras”; agir como o bom samaritano; olhar cada pessoa com amor; promover a cultura do encontro; formar-se para a abertura à diversidade; dialogar sempre; educar para a liberdade e o respeito; viver o amor cristão; incentivar encontros interpessoais; ser um agente de reconciliação e de paz; ir ao encontro de todos; celebrar a vida do outro; participar de iniciativas de fraternidade.

Comunitário-eclesial: promover a Coleta da Solidariedade; buscar a conversão pastoral e a espiritualidade de comunhão; ser “Igreja em saída”; lutar pela igualdade de oportunidades; educar para o bom uso das redes sociais; estimular a amizade social intraeclesial; praticar o ecumenismo e o diálogo interreligioso; implantar as Escolas de Perdão e Reconciliação; celebrar o Dia da Amizade (20 de julho); abordar a CF na catequese e na pregação; superar atitudes de ódio e exclusão e investir em espaços de comunhão e participação na comunidade; fomentar espaços de escuta, e grupos de ajuda mútua e que promovem a solidariedade; estudo da Doutrina Social da Igreja; atuar nos ambientes educativos, promovendo a fraternidade e o ensino religioso, incentivando a participação das famílias e a formação de professores frente aos conflitos; promover os Direitos Humanos; capacitar para enfrentar os discursos de ódio.

Social: valorizar o voluntariado; apoiar a Justiça Restaurativa; refletir sobre temas como a migração e o preconceito; promover as pastorais e movimentos que cuidam dos excluídos; condenar as experiências autoritárias; promover a democracia e a paz; apoiar as instituições de denúncia de crimes de ódio e as que cuidam da cultura da paz; estabelecer um observatório da Amizade Social; formar para o bom uso dos recursos digitais; incentivar as redes de comunicação popular visando contranarrativas aos discursos de ódio.